

Revista da

# FACED

Universidade Federal da Bahia



6

ISSN 1516-2907

# A Construção Social do Corpo: Um Novo Modelo de ser Mulher

**RESUMO**: No artigo propõe-se algumas reflexões sobre o atual culto à aparência e forma física que conquista cada vez mais adeptos em determinados segmentos da nossa sociedade. Procura-se pensar a constante exposição dos corpos, na publicidade, na mídia e nas interações cotidianas, associada à instauração de uma nova moralidade que, por trás da aparente liberação física e sexual, prega a conformidade a um determinado padrão estético: a considerada «boa forma». Por meio de uma pesquisa realizada, de 1998 a 2000, com 1279 homens e mulheres das camadas médias cariocas, universitários, de 20 a 50 anos, constata-se a hipervalorização do corpo neste segmento social.

**PALAVRAS-CHAVE**: Corpo, gênero, identidade, mulher, homem (body, gender, identity, woman, man)

**Mirian Goldenberg**

Professora do Departamento de Antropologia Cultural e Programa de Sociologia e Pós-Graduação em Antropologia –IFCS/UFRJ  
Doutora em Antropologia - UFRJ  
miriangg@uol.com.br

## Introdução

Apesar de ter escrito o clássico “As Técnicas Corporais” em 1934, o antropólogo francês Marcel Mauss tem sido uma referência obrigatória para aqueles que querem compreender um fenômeno característico dos tempos atuais: a valorização de um determinado tipo de corpo feminino. Para tanto, dois conceitos presentes em seu texto são fundamentais: o de “técnicas corporais” e o de “imitação prestigiosa”. Para Mauss, o conjunto de hábitos, costumes, crenças e tradições que caracterizam uma cultura também se refere ao corpo. Assim, há uma construção cultural do corpo, com uma valorização de certos atributos e comportamentos em detrimento de outros, fazendo com que haja um corpo típico para cada sociedade. Esse corpo, que pode variar de acordo com o contexto histórico e cultural, é adquirido pelos membros da sociedade por meio da “imitação prestigiosa”: os indivíduos imitam atos, comportamentos e corpos que obtiveram êxito e que viram ser bem sucedidos. O autor chama atenção para o fato de que as técnicas corporais “variam não simplesmente com os indivíduos e suas imitações, mas, sobretudo, com

as sociedades, as educações, as conveniências e as modas, com os prestígios". E é precisamente na noção de prestígio da pessoa que torna o ato autorizado, em relação ao indivíduo imitador, que se encontra todo o elemento social das técnicas corporais. É possível afirmar que o "culto ao corpo", com todos os rituais de embelezamento, rejuvenescimento e modelagem das formas a ele associados, deve grande parte de sua propagação a uma imitação, baseada no prestígio conferido àquelas (e àqueles) que ostentam um físico dentro de determinado padrão estético. Mas que tipo de corpo as mulheres brasileiras, e mais particularmente as cariocas, procuram imitar?

### Pesquisando o corpo na cidade do Rio de Janeiro

Alguns dados da pesquisa, que venho realizando desde janeiro de 1998, podem ser interessantes para pensar essa questão. Na pesquisa "Mudanças nos papéis de gênero, sexualidade e conjugalidade: um estudo antropológico das representações sobre o masculino e feminino nas camadas médias urbanas" foram analisados 1.279 questionários respondidos por mulheres e homens, de 20 a 50 anos, com nível universitário, renda de mais de R\$ 2.000,00, moradores da cidade do Rio de Janeiro.

Ao perguntar *O que mais te atrai em um homem (uma mulher)?* *O que mais te atrai sexualmente em um homem (uma mulher)?*, temos que o que mais atrai as mulheres em um homem é a inteligência, o corpo e o olhar e o que mais atrai os homens em uma mulher é a beleza, a inteligência e o corpo. Assim, poderíamos supor que a aparência do parceiro é muito mais valorizada pelos homens do que pelas mulheres, que, em geral, parecem valorizar traços menos aparentes, mais subjetivos. No entanto, analisando-se o conjunto de respostas, mulheres e homens não estão tão distantes como imaginariamos: 77% das respostas masculinas e 74% das femininas destacaram características físicas como sendo aquelas que mais os atrai no sexo oposto. É bem verdade que as mulheres enfatizaram mais em suas respostas aquelas características que classificamos como "características físicas indiretas", tais como: olhar, charme, sorriso, elegância, cheiro, voz, o andar, entre outras.

Dentre as respostas masculinas, 27% destacaram "características físicas indiretas", enquanto mais de 50% das respostas mas-

culinas foram compostas de “características físicas diretas”, como corpo, olhos, bunda, pernas, entre outras.

As mulheres equilibraram as características físicas diretas e indiretas, citadas na mesma proporção (37%), enquanto que os homens deram um peso maior às características físicas diretas (50,5%) do que às indiretas (26,5%).

Características não físicas, como inteligência, simpatia, bom papo, sensibilidade, também apareceram mais nas respostas femininas (58%) do que nas masculinas (31%). Tais características foram classificadas em três grupos: o daquelas que correspondem às expectativas românticas com relação ao sexo oposto; o das que se referem à personalidade do parceiro; e, por fim, o das que têm cunho moral.

Ao responderem sobre o que mais os atrai no sexo oposto, as mulheres enfatizaram muito mais do que os homens seus ideais românticos. Segurança, maturidade, companheirismo, atenção, respeito, gentileza, gostar de família, por exemplo, são características que, de acordo com as respostas encontradas, atraem apenas às mulheres. As mulheres também se dizem, mais do que os homens, atraídas por aspectos morais, como o caráter, honestidade, responsabilidade, ser bom trabalhador. As características relacionadas à personalidade do parceiro, como inteligência, simpatia, bom humor, também atraem mais as mulheres (31%) do que os homens (22,5%).

Características não físicas, como inteligência, simpatia, bom papo, sensibilidade, também apareceram mais nas respostas femininas do que nas masculinas.

Quando a pergunta passa a ser o que mais atrai sexualmente no sexo oposto, as características físicas diretas são as mais encontradas tanto nas respostas masculinas quanto nas femininas. Para a questão: *O que mais te atrai sexualmente em um homem (uma mulher)?*, temos que 91% dos homens e 76,5% das mulheres apontaram características físicas diretas. A bunda é o que mais atrai sexualmente os homens (23%), enquanto que o tórax é a resposta mais encontrada nas mulheres (17%). Praticamente a mesma porcentagem de homens (17%) e mulheres (16%) disseram ser o corpo o que mais os atrai no sexo oposto. No entanto, quando são um pouco mais específicos, apenas os homens destacam barriga, quadril e cintura, enquanto apenas as mulheres responderam braços, abdômen, músculos, pênis, peito cabeludo,

barba. As mulheres também se mostraram mais minuciosas ao responderem dentes, nuca, postura ereta, pouco pêlo no corpo.

Ao perguntarmos às mulheres: *O que você mais inveja em uma mulher?* Elas responderam: a beleza em primeiro lugar, o corpo, em seguida, e a inteligência em terceiro lugar. Quando perguntamos aos homens: *O que você mais inveja em um homem?* Tivemos como respostas: a inteligência, o poder econômico, a beleza e o corpo.

Não enfatizaremos aqui o aspecto cultural e simbólico da preferência das mulheres pelas partes superiores do corpo masculino e, inversamente, da atração dos homens brasileiros pelas partes inferiores do corpo feminino (BOURDIEU, 1995), mesmo que, recentemente, tenham incluído os seios grandes em suas preferências. Preferimos nos deter na recorrência da resposta “o corpo” como algo invejado, desejado e admirado, não apenas pelas mulheres, mas também, expressivamente, pelos homens. O mais interessante é que em todas as questões acima a categoria corpo aparece sem nenhum adjetivo.

Apenas em uma das questões da pesquisa, quando, para saber o que homens e mulheres procuram em um relacionamento afetivo, propusemos: *Se você escrevesse um anúncio com o objetivo de encontrar um parceiro, como você se descreveria? Como você descreveria o que procura em um parceiro?*, este corpo aparece nas respostas como “definido”, “malhado”, “trabalhado”, “sarado”, “saudável”, “atletico”, “bonito”, entre outros (GOLDENBERG e RAMOS, 2002).

Alguns exemplos dos anúncios dos pesquisados podem ilustrar melhor o que encontramos nas respostas.

*Sou jovem, determinada, animada, gosto de ir à praia e sair para dançar. É claro, sou linda e gostosa!*

*Procuo alguém com as mesmas características, decidido e com iniciativa. De corpo sarado, másculo e muito sexy!*<sup>1</sup>

(1) Estudante universitária, 20 anos, renda familiar de R\$6.000,00

*Eu sou moreno com estatura de 1,79, com o corpo e físico atlético bem dotado, inteligente, compreensivo e carinhoso.*

*Procuo mulher loira, cabelos longos, 1.65 de altura, cintura fina, seios fartos duros, bumbum arrebitado, corpo bonito*<sup>2</sup>.

(2) Homem solteiro, 22 anos, analista de sistemas, renda de R\$5.000,00.

*Eu sou apetitosa, morena, corpo malhado, cabelos longos cacheados, olhos castanhos claros, inteligente, linda.*

*Procuo homem romântico, educado, inteligente, com idade entre 24 e 32 anos e boa aparência*<sup>3</sup>.

(3) Mulher solteira, 22 anos, dentista, renda de R\$10.000,00.

*Eu sou moreno alto, bonito, sensual, carinhoso, bom nível social. Talvez eu seja a solução dos seus problemas.*

*Procuro uma mulher solteira, sincera, simpática, corpo definido, bonita, afinal "as feias que me desculpem, mas beleza é fundamental".<sup>4</sup>*

(4) Homem solteiro, 25 anos, piloto comercial, renda de R\$ 15.000,00.

A recorrência das respostas revela a centralidade que o corpo adquiriu para os indivíduos das camadas médias cariocas. Este segmento social tem sido estudado por muitos autores, como Gilberto Velho, por ter uma visão de mundo e estilo de vida que produzem um efeito multiplicador que extravasa seus limites, podendo revelar, de forma mais geral, o processo de mudança que os papéis de gênero vêm sofrendo (SCOTT, 1995). Pode-se assim supor que a preocupação com o corpo tem alcançado mulheres de todos os segmentos da sociedade brasileira.

## Corpo e sexualidade

Outro dado da pesquisa merece destaque: 60% dos homens e 47% das mulheres afirmaram já terem sido infiéis (GOLDENBERG, 2000). Nota-se que, apesar de já não estarem mais tão distantes nesta questão – mulheres também traem e quase tanto quanto seus parceiros – os motivos que levam à traição são completamente diferentes. Homens traem por uma afirmação de sua virilidade: para provarem que são “homens de verdade”. “Instinto”, “natureza”, “galinhagem”, “é um hobby”, “testicocefalia”, “pintou uma chance que eu não podia recusar” são respostas presentes apenas no discurso masculino. Homens podem estar amando e desejando suas parceiras, mas raramente rejeitam uma outra oportunidade para fazer sexo. A clássica dissociação entre sexo e afeto ainda ocorre na maior parte dos pesquisados, como bem revelou o antropólogo Roberto Da Matta ao apontar a divisão feita pelos homens brasileiros entre “mulher da casa” e “mulher da rua”, “santa” e “puta”, “lugar da família” e “lugar do prazer sexual”. Já nas respostas femininas encontrei “insatisfação com o parceiro”, “vontade de experimentar”, “falta de amor e atração”, “auto-afirmação”, “para levantar a auto-estima”, além de um número significativo de mulheres que traem porque não se sentem mais desejadas pelos parceiros. Para elas, serem desejadas é a prova de que seus corpos são capazes de despertar o interesse masculino. Como

afirmou Naomi Wolf, em *O mito da beleza*, o que as meninas aprendem cedo não é o desejo pelo outro, mas o desejo de ser desejada.

Essa preocupação feminina demonstra como o corpo tem um peso importante nos atuais relacionamentos amorosos e, também, em determinados comportamentos que podem ser interpretados como frutos de uma cultura que valoriza excessivamente a aparência, a juventude e a forma física. O fato de muitas mulheres traírem apenas para provar que seus corpos são capazes de seduzir demonstra uma enorme insegurança com relação a outros atributos que também poderiam ser utilizados no jogo da sedução, como a inteligência, o charme, o humor, o poder, entre tantos outros.

No que diz respeito à maneira como homens e mulheres pensam o corpo feminino, também percebe-se um grande distanciamento. Matéria recente da revista *Época* trouxe como título “O corpo que eles desejam... não é o que elas querem ter”. A reportagem mostra um fenômeno esquizofrênico da nossa época: mulheres querem seduzir homens com um corpo que está longe da preferência masculina. A matéria revela que o padrão de beleza desejado pelas mulheres tem sido construído por meio de imagens das supermodelos, que se consagraram a partir dos anos 1980 e conquistaram *status* de celebridade nos 1990. Doenças como anorexia e bulimia se tornaram quase uma epidemia nos últimos anos, em uma geração que cresceu tentando imitar o corpo de Cindy Crawford, Linda Evangelista, Claudia Schiffer e, mais recentemente, da brasileira Gisele Bündchen. Só que os homens que responderam ao questionário elegeram como suas musas Sheila Carvalho, Luma de Oliveira, Luana Piovani, Mônica Carvalho e outras “gostasas” que estão longe das medidas das modelos magérrimas das passarelas.

Além desse divórcio nos discursos masculinos e femininos, observei outro fenômeno: a preocupação com um determinado modelo de corpo tem atrapalhado a vida sexual de muita gente, como revelam alguns depoimentos da minha pesquisa.

*Muitas vezes estamos no meio da transa, no maior clima, e ela pergunta: estou gorda? Ou então insiste em transar no escuro para eu não ver o corpo dela. Perco totalmente o tesão” (35 anos, solteiro, engenheiro)*

*Acabei de fazer 40 anos, isso mudou toda a minha percepção do meu corpo. Passei a enxergar coisas que nunca tinha percebido: celulite, estrias, manchas, rugas. É como se de um dia para outro eu tivesse envelhecido 20 anos. Um dia me sentia jovem, magra, gostosa. Depois de fazer 40 passei a me sentir uma velha caquética, gorda, flácida. Na cama, também tudo mudou. Antes transava de luz acesa, gostava que meus namorados olhassem meu corpo. Agora entro em pânico. Preciso estar com a luz apagada, debaixo do lençol. Não tiro o sutiã para eles não perceberem que o peito está caído. O pior é que sei que eles não estão nem aí para estes detalhes, é tudo paranóia minha" (40 anos, separada, psicóloga)*

*"Acho minha namorada linda, com o corpo lindo. Acho até engraçado quando ela tenta me mostrar que tem celulite, estria. Eu não consigo enxergar nada. O mais estranho é que ela não só quer que eu enxergue como quer que eu ache feio. Ela insiste tanto que vou acabar achando feio mesmo" (27 anos, solteiro, economista)*

Uma revista especializada dos Estados Unidos, *The Journal of Sex Research*, mostrou uma pesquisa com duzentas universitárias, das quais um terço, independentemente de serem gordas ou magras, disse que a imagem que o parceiro faz do corpo delas é o mais importante durante o ato sexual. O estudo revelou que a ansiedade em relação à forma física leva muitas mulheres até mesmo a evitarem o sexo. Esta realidade também foi encontrada aqui, em uma recente pesquisa nacional sobre a vida sexual dos brasileiros, com 3.000 homens e mulheres, de todas as classes sociais, coordenada pela psiquiatra Carmita Abdo, do Projeto Sexualidade do Hospital das Clínicas de São Paulo. Um dos maiores problemas encontrados foi a falta de desejo: 35% das mulheres pesquisadas não sentem nenhuma vontade de ter relações. Um dos principais motivos dessa falta de desejo é uma questão cultural que inibe a libido: a angústia de não corresponder à imagem da mulher com o corpo perfeito que aparece nas revistas e nas propagandas de TV.

Numa sociedade altamente erotizada no plano da moda e da mídia, que privilegia cada vez mais o 'corpão', a cama pode ser o palco de uma tremenda frustração para quem não apresenta medidas próximas das perfeitas. Diante da impossibilidade de exibir esse padrão, o desejo é pouco a pouco reprimido, até sumir de vez – ou transubstanciar-se em

neuroses. O curioso é que o barrigão de cerveja não tem o mesmo efeito sobre os homens: apenas 12% deles se queixam de falta de desejo.

A psicanalista inglesa Susie Orbach considera que um dos principais fatores que contribuem para a frustração em relação ao sexo é o modelo de beleza apregoado pela sociedade atual que afeta especialmente as mulheres:

É o corpo feminino perfeito, magro e esguio. A apologia do corpo perfeito é uma das mais cruéis fontes de frustração feminina dos nossos tempos. A obsessão pela magreza virou uma epidemia. Considero a busca do corpo perfeito um retrocesso no processo de emancipação feminina. Houve apenas um breve momento de progresso das mulheres nos anos 1970. Depois disso elas começaram a recuar, escravizadas por um modelo inalcançável de beleza. Há uma ironia nesse fato: justamente em um tempo em que as mulheres dizem querer ganhar espaço, elas procuram ficar cada vez menores e mais esqueléticas.

Dados recentes demonstram que a brasileira é campeã na busca desse corpo perfeito (EDMONDS, 2002). A revista *Time* chamou atenção para esse fato numa capa que trouxe Carla Perez com a seguinte legenda: "*The plastic surgery craze: latin american women are sculpting their bodies as never before – along California lines. Is this cultural imperialism?*". A *Veja* confirmou com a capa "De cara nova: com operações mais baratas, alternativas de conserto para quase tudo e grandes médicos em atividade, o Brasil passa a ser o primeiro do mundo em cirurgia plástica". Segundo a Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, o brasileiro, especialmente a mulher brasileira, se tornou o povo que mais faz plástica no mundo: 350.000 pessoas se submeteram a pelo menos um procedimento cirúrgico com finalidade estética em 2000. Em cada grupo de 100.000 habitantes, 207 pessoas foram operadas em 2000. Os Estados Unidos, tradicionais líderes do *ranking*, registraram 185 operados por 100.000 habitantes no ano 2000 (sendo a renda *per capita* americana oito vezes maior que a nossa). Mas o que torna o Brasil especial nessa área é "o ímpeto com que as pessoas decidem operar-se e a rapidez com que a decisão é tomada".

E o que pensam os homens dessa obsessão feminina com o corpo?

Apesar de viverem uma realidade demográfica extremamente favorável com relação ao mercado afetivo-sexual, como mos-

tra a demógrafa Elza Berquó, com um enorme superávit de mulheres disponíveis para se relacionarem afetivamente e sexualmente, tenho entrevistado homens moradores da cidade do Rio de Janeiro que se queixam da dificuldade para encontrar uma parceira. Eles dizem que, apesar do “excesso de oferta”, não encontram o que procuram porque as mulheres, em sua maioria, estão tão preocupadas com o seu próprio corpo que se tornam pouco interessantes, atraentes ou sedutoras.

*Não aguento mais mulher fake. Estão todas iguais, loiras, de cabelo alisado, nariz arrebitado, peito siliconado, todas querendo ficar com a mesma cara de atriz da Globo (46 anos, separado, fotógrafo)*

*As mulheres estão muito chatas, não encontro uma mulher interessante. É difícil encontrar uma com quem eu possa conversar. O que é uma mulher interessante? É uma mulher que não seja só bonita, que não seja igual às outras, que seja inteligente, tenha paixão pelas coisas que faz e não gaste tanto tempo com malhação e salão de beleza (50 anos, separado, jornalista)*

## Considerações finais

No Rio de Janeiro, cidade considerada a mais bela do mundo, onde as praias e a temperatura elevada durante quase todo o ano favorecem o desnudamento, a centralidade que a aparência física assume na vida cotidiana é muito mais evidente. Estudei o papel do corpo na cultura carioca em dois diferentes momentos e contextos históricos. O primeiro estudo foi a análise da trajetória de Leila Diniz em tese de doutorado (GOLDENBERG, 1995). Quando, em 1971, Leila exibiu sua barriga grávida de biquíni, na praia de Ipanema, escandalizou e lançou moda. Foi capa de revistas e manchete de jornais por ter sido a primeira mulher a não esconder sua barriga em roupas soltas e escuras, consideradas mais adequadas a uma grávida. Não só engravidou sem ser casada como exibiu uma imagem concorrente à grávida tradicional que escondia sua barriga. A barriga grávida materializou, objetivou, corpo-rificou seus comportamentos sexuais transgressores. Ícone das décadas de 1960 e 1970, Leila Diniz permanece, até hoje, como símbolo da mulher carioca, que encarna, melhor do que ninguém, o espírito da cidade: corpo seminu, sedução, prazer, liberdade, sexualidade, alegria, espontaneidade.

Na pesquisa atual, situada no final do século XX e início do XXI, constata-se que a preocupação com a aparência e a juventude chega a ser uma obsessão entre as cariocas, provocando uma permanente insatisfação com o próprio corpo. O corpo de Leila Diniz (e de muitas mulheres de sua geração) era um corpo voltado para o prazer, para o livre exercício da sexualidade, que exibia sua beleza e plenitude à luz do sol. O corpo de muitas mulheres de hoje é um corpo controlado, mutilado, que prefere a escuridão para esconder suas imperfeições. Em pouco mais de três décadas, assistimos a uma grande transformação do corpo carioca: do exercício do prazer à busca da perfeição estética, da liberdade à submissão aos modelos, do erotismo à falta de desejo.

Não é preciso ser feminista para perceber que a atual obsessão com o corpo tem levado a muitos desencontros, frustrações e insatisfações. Talvez seja o momento de pensar mais criticamente sobre os valores que têm influenciado determinados comportamentos femininos. Naomi Wolf defende que as mulheres de hoje lutem pela mais básica das liberdades: a de imaginar o próprio futuro e de ter orgulho da própria vida, demonstrar sua lealdade para com sua idade, seu corpo, sua pessoa e sua história. Para ela, a eliminação dos sinais da idade dos rostos e corpos femininos deveria ter a mesma ressonância política que seria provocada se todas as imagens de negros fossem clareadas, pois equivale a apagar a identidade, o poder e o valor das mulheres. É no mínimo estranho pensar que, após décadas de lutas femininas pela liberação da opressão e pelo pleno exercício da sexualidade, após Leila Diniz se tornar um modelo de sensualidade revolucionária com seu corpo grávido exibido nas praias cariocas, muitas mulheres se submetam a um novo tipo de prisão. Só que desta vez é mais difícil afirmar quem são (e derrotar) os verdadeiros carcereiros.

**ABSTRACT:** This paper expounds on some reflections about the present cult toward physical appearance and body fitness that attracts an increasing number of followers in our society. The recurrent exhibition of the human figure in advertising, media, and in daily interactions associated to a new morality that while apparently peddling sexual liberation, supports a certain esthetic standard: "physical fitness". A research developed between 1998 to 2000, among middle class men and women of higher education in Rio de

Janeiro uncovers an extreme valuation of the human body in this social segment.

**KEY WORDS:** Body, gender, identity, woman, man

## Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. A Dominação Masculina. *Educação & Realidade*. V.20, n.2. jul/dez 1995.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

EDMONDS, Alexander. No Universo da Beleza: Notas de Campo sobre Cirurgia Plástica no Rio de Janeiro. *Nu & Vestido: Dez Antropólogos Revelam a Cultura do Corpo Carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GOLDENBERG, Mirian. *Toda Mulher é Meio Leila Diniz*. Rio de Janeiro: Record, 1995.

GOLDENBERG, Mirian. *Os Novos Desejos*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GOLDENBERG, Mirian & RAMOS, Marcelo Silva. A Civilização das Formas: O Corpo como Valor. *Nu & Vestido: Dez Antropólogos Revelam a Cultura do Corpo Carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

MAUSS, Marcel. As Técnicas Corporais. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.